

Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense



Instituto Estadual do Patrimônio Cultural
Secretaria de Estado de Cultura - RJ



denominação
Fazenda Santa Clara

código
AIII - F12 - RF

localização
Estrada Coronel Mariano Paiva, 19.997/ RF-13, 4º distrito, Abarracamento

município
Rio das Flores

época de construção
séc. XIX

detalhamento do estado de conservação
no corpo da ficha

uso atual / original
residencial / fazenda de café

proteção existente / proposta
nenhuma / tombamento

proprietário
particular



situação e ambiência

Casa-sede construída no final de uma estrada, que tem por acesso um portão de madeira, como se fosse um forte, uma fortaleza. Sua implantação é no fundo do terreno, estando envolta por morros e vegetação nativa.



12



14



10

coordenador / data
equipe
histórico

Domingos Espíndola de Aguiar - nov 2007
Elomir Gumiero de Moraes e Saulo
Adriano Novaes

revisão / data
Alberto Taveira - mar 2008

O terreiro de café situa-se na frente da casa-sede, coberto por vegetação e gramado, estando instalado sobre o complexo de galerias que conduzia a circulação d'água no complexo.

Várias construções já foram demolidas, como o engenho, a senzala, parte do celeiro, a marcenaria e a tulha, restando, atualmente, apenas a casa-sede, em ruínas, e parte do celeiro, oficina, além de duas construções contemporâneas: a residência atual da proprietária e o curral.



07



08



11



23

Segundo Miranda e Czajkowski, em seu *Fazendas – Solares da Região Cafeeira do Brasil Imperial*, a casa-sede da Fazenda Recreio pode ser enquadrada no quinto tipo “o casarão de um só pavimento, ou de um pavimento sobre porão alto. Sua principal característica, fora a horizontalidade, é a existência, ao centro da fachada principal, de uma escadaria de um ou dois lances levando a um patamar geralmente coberto por um copiar. Em alguns casos essa cobertura assume as dimensões de um pórtico ou varanda, muitas vezes apoiadas sobre colunatas de ferro. A casa sobre porão alto – ou habitável – parece ser a de origem mais antiga. São deste gênero, no século XVIII, numerosas quintas portuguesas e alguns solares brasileiros, como a Casa do Conde dos Arcos, em Salvador. Na transposição para a fazenda, esse tipo de residência fidalga sofre a simplificação de praxe, mas guarda a relação hierárquica entre o térreo e o piano nobile, o que o diferencia do sobrado, onde os dois pavimentos têm a mesma altura e geralmente servem, ambos, para habitação. O gosto pela casa térrea sobre porão baixo certamente se originou nas chácaras suburbanas, que se popularizaram durante o século XIX, e daí se espalhou tanto para o campo quanto para as cidades. Segundo A. C. da Silva Telles, *térreas foram, preponderantemente, as grandes casas urbanas dos barões do café, em Vassouras/RJ. Também nas fazendas a ausência do sobrado não significa, necessariamente, uma diminuição na importância do estabelecimento, como demonstra a Fazenda Santarém, em Bemposta/RJ. E se algumas das casas menores foram sedes secundárias de grandes proprietários rurais, construídas para serem ocupadas por seus filhos ou administradores, as outras respondem a um retraimento que os destinos da monocultura começavam a impor.*”

No caso dessa fazenda, ela apresenta uma escada frontal destacada da fachada principal, em lance único, que chega a patamar, provavelmente protegido, originalmente, por um alpendre. Caracteriza-a, também, uma certa compactação de sua estrutura funcional, desenvolvida em dois corpos, formatando um “L”. Todos os elementos tipológicos, característicos da arquitetura rural brasileira, estão contemplados em sua fachada principal, como simetria, marcação de linhas de força da composição (cunhais, cimalha, frisos, cercaduras de vãos etc.), bem como o tradicional telhado de ponto elevado, recoberto por telhas capa e canal. Entretanto, o que ressalta na edificação é seu estado de completo abandono e ruína.

Através dos indícios existentes, podemos concluir que uma cimalha de madeira envolvia todo telhado. Atualmente, ficam à mostra pequenos caibros que atestam este acabamento dos beirais.

A portada principal, em arco pleno, mantém apenas o caixonete e as janelas que a ladeiam apresentam, por fora, guilhotinas em caixilhos de vidro e duas folhas almofadadas por dentro, ajudando a compor o estilo classicizante da casa-sede.



01



06

Os poucos elementos decorativos encontrados podem ser percebidos através da leitura atual dos vestígios existentes na cimalha; nos cunhais; e na bandeira em arco da porta principal, onde se vê a sombra da data 1874.

A ruína expõe, lamentavelmente, toda a tipologia construtiva desta casa-sede que, em relatos históricos, formava um quadrilátero perfeito. A perda de material de revestimento deixa “janelas” onde se vê o sistema construtivo da época, que apresenta estrutura em madeira com pilares, frechais e madres de seção retangular; paredes de vedação em pau-a-pique compondo os espaços e apoiadas em embasamento de pedra; finalizadas por cobertura com engradamento de madeira coberto por telhas cerâmicas do tipo capa e canal. Tudo a nos revelar uma leitura neoclássica, traduzindo o delicado equilíbrio desta construção, memória de nossa história e registro de nosso saber fazer arquitetura.



15



13



20



39

A fundação em pedra apresenta trechos faltantes do emboço / reboco e manchas de umidade ascendente por toda a construção, evidência clara de arruinamento pela falta de manutenção.

Nas paredes de vedação, notou-se a descaracterização do lado esquerdo de quem acessa a construção, sendo substituído o pau-a-pique por tijolos cerâmicos. Porém, a parte da direita ainda se apresenta em um regular estado de conservação. Há sinais de desabamento e rachaduras na construção de pau-a-pique.

Na cobertura as telhas de cerâmica tipo capa e canal encontram-se escurecidas, evidenciando a antiguidade e o aparente alinhamento da cumeeira demonstra que houve, num passado recente, manutenção ou reparo, para não se perder o que ainda resta da casa-sede. Porém, no telhado dos fundos, onde também houve reforma, há afundamento e desalinhamento da cobertura.

Na estrutura de madeira, os cunhais, pilares, frechais, madres e outras peças, encontram-se com suas estruturas em acelerado processo de deterioração, haja visto o estado de ruína em que se encontra a sede. Nas paredes reestruturadas com tijolos foram suprimidos os elementos de madeira. No que restou, o aspecto é regular nas portas, janelas e engradamento do telhado.



03



04



05



16



17



18



19



22



31



32



35



36



37



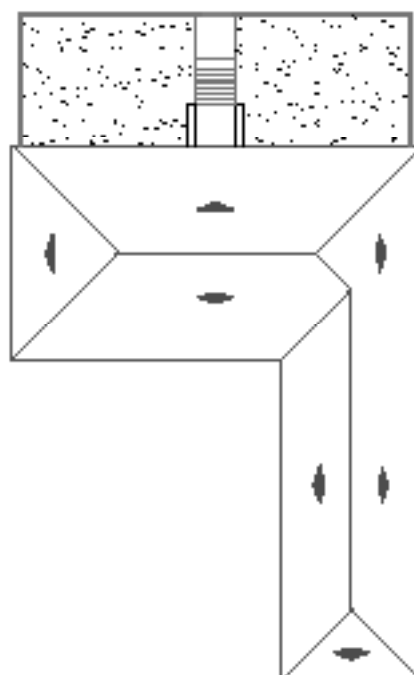
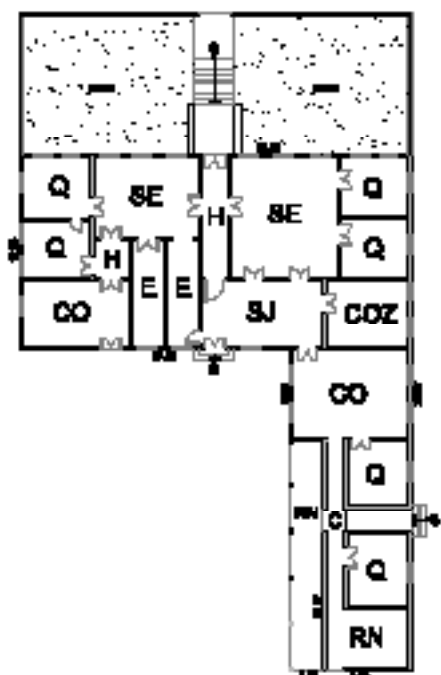
40



100

Classificação:

1. A Fazenda possui um pátio de refresco no lado norte, cercado em parte a muro, apresentando apenas um único acesso.
2. Do complexo original da Fazenda, formado por um quadrilátero de construções, restou apenas o bloco - área de circulação de passageiros (estação principal), a parte da antiga fachada.
3. As áreas identificadas foram mantidas em sua condição original e foi feita a integração com as áreas existentes no terreno.



1 FAZENDA SANTA CLARA
Fazenda de Ita de Santa - Ita, RJ - escala: 1/200

2
Fazenda de Ita de Santa - Colorful - escala: 1/200



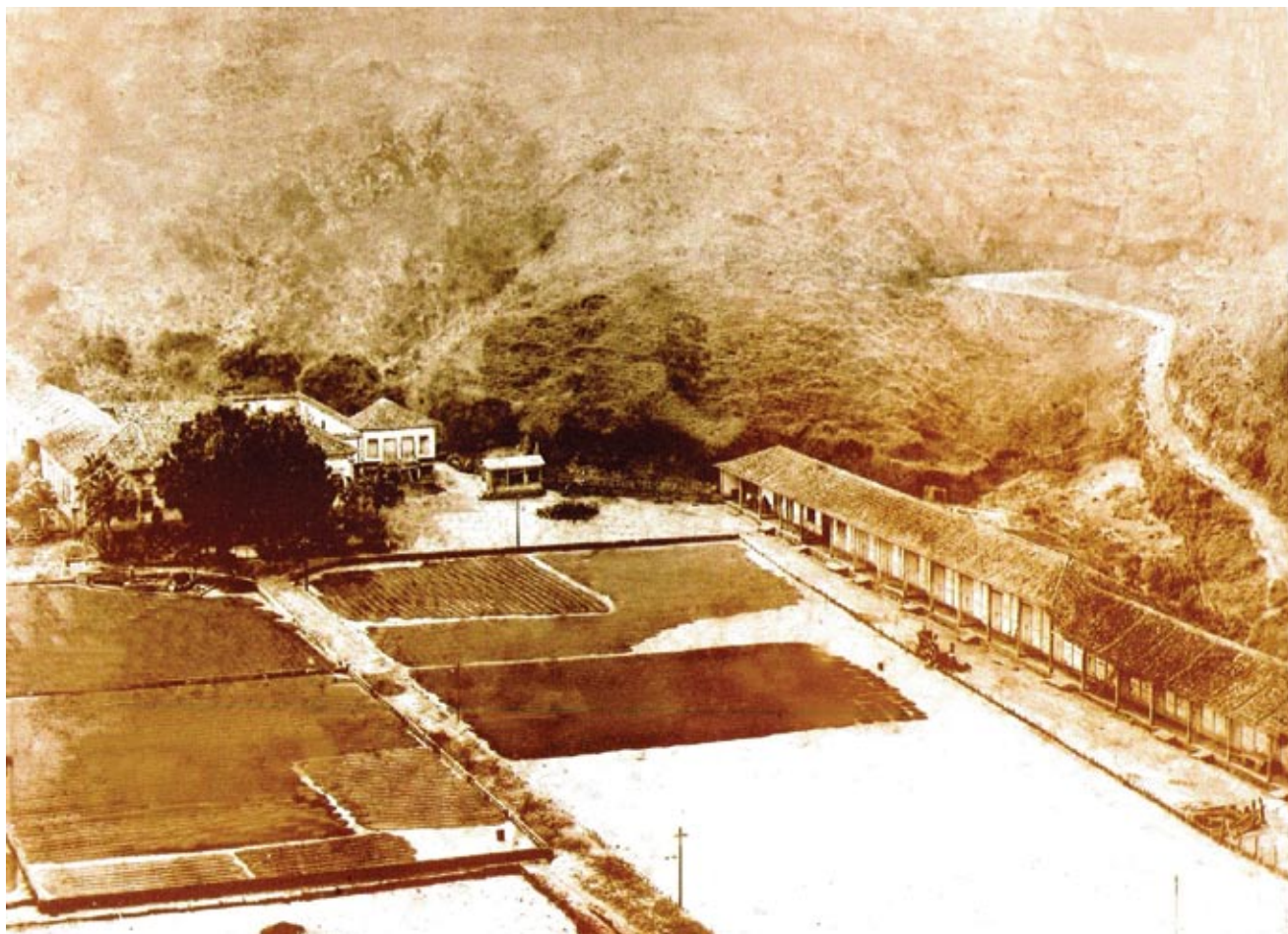
CI - alameda	COE - escadas	H - hall	SE - sala de estar	RN - área residencial	===== elemento existente
DU - porta	E - elevador	Q - quarto	SJ - sala de jantar	WC - banheiro	
Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense			AII - F16 - RF		1/1
autor: Domingos E. de Aguiar/ Elmir G. de Moraes/ Saulo R. de Souza		desenhista: Elmir Gustavo de Moraes		realizado: Françoise Bourquet	data: nov 2007

A origem precisa da fundação desta fazenda ainda é incerta. Tudo leva a crer que seu primeiro proprietário foi José Rodrigues Pereira de Almeida, o Barão de Ubá, senhor de uma grande extensão de terra, tanto na margem esquerda, quanto na direita do rio Paraíba do Sul, na região onde está situada a Fazenda Santa Clara¹.

Pereira de Almeida vivia na fazenda de Ubá, em Andrade Pinto, Vassouras, de onde administrava suas fazendas, num total de 14 sesmarias. Apenas duas eram exploradas economicamente: a de Ubá, na margem direita e, a do Casal, na margem esquerda do Paraíba do Sul. As demais, em pura mata virgem, eram genericamente também denominadas Ubá. Ao longo dos anos, Pereira de Almeida foi vendendo suas terras a terceiros². Santa Clara foi uma dessas fazendas adquiridas ainda na primeira metade do século XIX, por João José Vieira.

Em 1850, cumprindo uma determinação do Governo Imperial, que obrigava todos os proprietários a declararem suas terras, João José registrou o seguinte sobre sua Fazenda Santa Clara: “... contém de testada 1:124 braças pouco mais ou menos com 750 de fundos, confrontado com José Gonçalves Portugal, por outro lado com Francisco José Álvares Borges, e por outro lado com José Pereira d’Almeida, de quem foram as mesmas terras...” Neste mesmo registro, datado de 28 de fevereiro de 1856, Vieira declara também que possui uma outra situação próxima, denominada Bella Floresta, que acreditamos ser a atual Fazenda da Barreira³. Esta última teria recebido por dote ou herança do sogro João Pereira Nunes. O nome Santa Clara provavelmente foi uma homenagem de João José à sua esposa Clara Pereira Nunes. O mencionado registro não diz se há exploração de alguma cultura na fazenda, mas acreditamos que na ocasião já havia lavoura de café.

Quanto à sede da fazenda, datada de 1874, também há indício de que seja uma segunda construção, já que a fazenda existia anteriormente a esta data. Era comum, na época, ao fundador, antes de construir a sede definitiva, fazer a fazenda produzir e em seguida instalar primeiramente as senzalas, engenhos, lavoura e no final construir a sede provisória, para depois ser substituída por uma maior e melhor. Nesta ocasião de instalação da unidade, geralmente a esposa e filhos viviam em casa dos pais, até que a fazenda estivesse em condição de atender ao conforto e segurança da família.

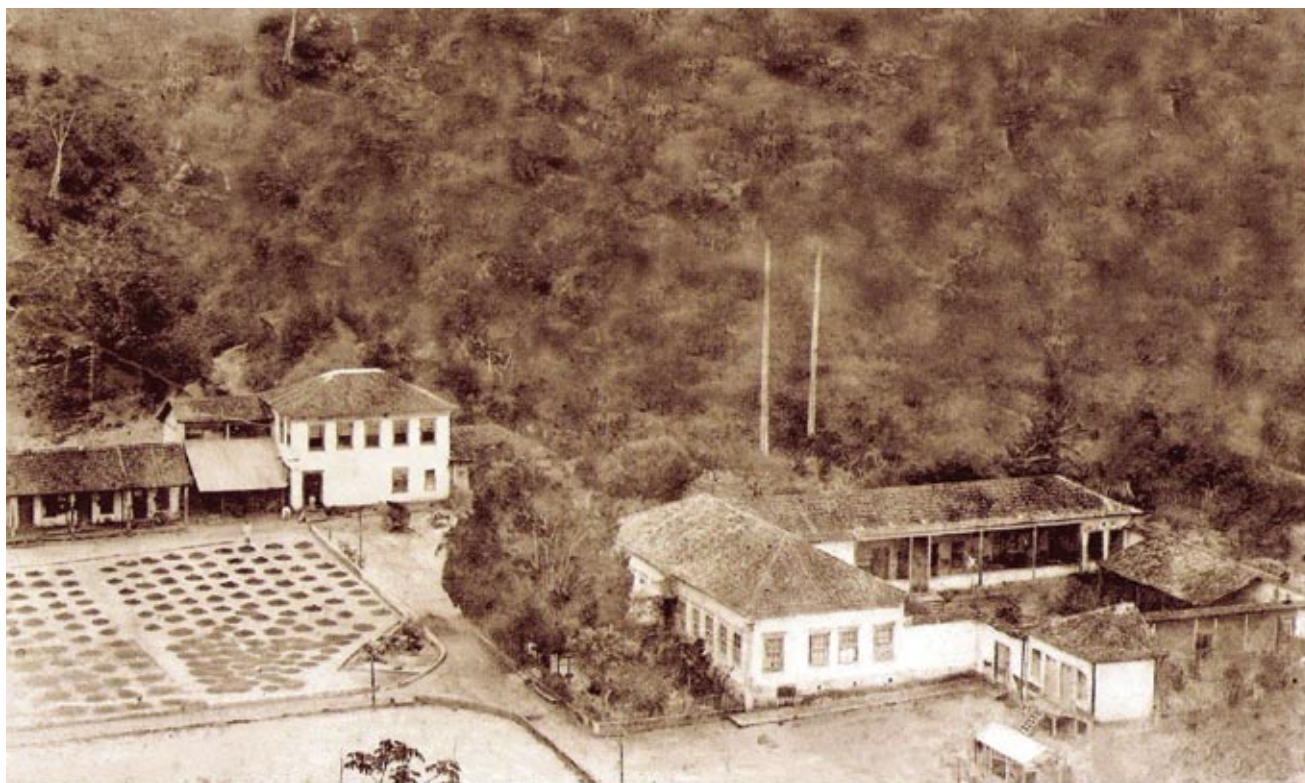


Fazenda Santa Clara do Abarracamento (Acervo Nair Paiva)

Pelo que se pode perceber nas fotografias tiradas no final do século XIX ou início do XX, esta fazenda obedecia ao tipo de construção e distribuição das construções essenciais ao funcionamento de uma típica fazenda cafeeira no Vale do Paraíba. O conjunto de construções forma um quadrilátero funcional, ou seja, todas as construções ao redor do quadrado do terreiro de café, tendo em ponto de destaque a casa de vivenda. Atualmente, deste conjunto original restam ainda a antiga tulha, o terreiro e casa de vivenda. A casa de vivenda segue ao estilo neoclássico característico do período. O interessante deste conjunto arquitetônico foi a preocupação do fundador em construir a fazenda em uma grande área cercada de morros, dando ao conjunto a possibilidade de uma única entrada principal, fechada por um portão coberto de telhas e portas de madeira, proporcionando maior segurança.

No final do século XIX a fazenda foi cenário de uma série de crimes envolvendo escravos de Vieira, num clima de quase revolta, o que levou a fazenda às páginas policiais da época. O desfecho trágico fez com que a família de João José Vieira saísse definitivamente de Santa Clara e a vendesse tempos depois a terceiros. Sobre esta tragédia, narra Eloy de Andrade: *“Na fazenda de Santa Clara, distrito do Abarracamento, do Coronel João José Vieira, um dos capatazes era odiado pelos escravos. Em certa ocasião fiscalizava ele o serviço de uns vinte roçadores, quando foi notada a sua ausência, logo depois do café do meio dia, trazido pela mulher de um dos roçadores. Suspeitoso de que o capataz fazia a corte à mulher, abandonou o serviço e foi espioná-lo. Sua suspeita se confirmou. Pôde vê-los juntos, conversando, sem que sua presença fosse notada. Voltando ao eito contou aos seus companheiros o sucedido e logo ficou assentado que o liquidariam naquele mesmo dia. À tarde, depois do jantar, tiveram ordem para recomeçar o serviço; era o momento convencionado. Envolvido por todos os lados, colhido de surpresa, não pode defender-se. Foi picado a foiçadas.*

Tempos depois [5-julho-1883] na mesma fazenda [sítio Recreio], foi assassinado o feitor, sobrinho do proprietário [Augusto Pereira Nunes]. Dos assassinos, dois [Ignácio e Clemente] foram retirados da cadeia de Santa Thereza e mortos a foiçada por um grupo de uns trinta [o relatório do delegado fala de 50 a 60] indivíduos, todos mascarados e chefiados por Vicente Rodrigues da Costa. O terceiro escravo [Vicente] estava preso na fazenda e, sabendo o proprietário que o grupo iria até lá, remeteu-o escoltado, às pressas, para a Vila, a fim de evitar que o linchamento se fizesse no terreiro da fazenda. Caminhavam o preso e seus condutores quando, à pouca distância, foram detidos pelos mascarados, que voltavam e ali mesmo deram cabo dele. Receoso de novos atos de indisciplina, o coronel mudou-se com a família para a cidade de Juiz de Fora, deixando a fazenda entregue a um administrador.” ⁴



Fazenda Santa Clara do Abarracamento (Acervo Nair Paiva)

A situação causou pânico na população de Santa Thereza e Paraíba do Sul, que temia uma rebelião escrava. Para tanto o Chefe de Polícia da Província foi pessoalmente resolver o problema, permanecendo na freguesia de Santa Thereza, durante os dias 8 a 18 de julho, a fim de proceder interrogatório e apontar os culpados.⁵

O ocorrido também foi mencionado pelo deputado Alves dos Santos Lobo, no seu discurso, na sessão do dia 16 de julho de 1883, na Assembléia Legislativa Provincial. Segundo o deputado, a “ordem pública” estava ameaçada por “agitações” com esta.⁶

O tempo passou e veio a abolição da escravatura e a Fazenda Santa Clara foi vendida. Durante o século XX a fazenda abandonou a cultura do café e passou à pecuária leiteira.

Em 1920, pertencia a Gabriel Villela de Andrade, grande proprietário de fazenda tanto no estado do Rio como no Estado de Minas, onde vivia.⁷

No ano de 1934, Santa Clara consta como propriedade de Ademar Rezende de Andrade, com uma área que perfazia 186 alqueires geométricos⁸.

Notas

1. FERREIRA, Vieira desembargador. **Cachoeira e Porangaba - A Concessão de Sesmarias no Brasil e a Lavoura de Café nas Montanhas de Valença**. Revista do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro. Rio de Janeiro. V. 213. p. 253-57. out. – dez. 1951.

2. Ibidem,

3. Livro Paroquial de Registro de Terras. Propriedade de João José Vieira. (Fazenda Santa Clara). Registro feito em 28 de fevereiro de 1856, no Livro 88, Registro 229 a, p. 54v. Município de Valença. Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro. Coleção RT.

. Livro Paroquial de Registro de Terras. Propriedade de João José Vieira. (Fazenda Bella Floresta). Registro feito em 28 de fevereiro de 1856, no Livro 88, Registro 229 b, p. 54v. Município de Valença. Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro. Coleção RT.

4. ANDRADE, Eloy de. **O Vale do Paraíba**. Rio de Janeiro: Real Rio Gráfica, 1989. p. 295-6.

5. ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA PROVINCIAL DO RIO DE JANEIRO. **Relatório apresentado na abertura da primeira sessão da vigésima quarta legislatura em 8 de agosto de 1884 pelo presidente, José Leandro de Godoy e Vasconcellos**. Rio de Janeiro: Typ. Montenegro, 1884. p. 5-7

6. MACHADO Humberto Fernandes. **Escravos Senhores e Café: A Crise da Cafeicultura** Escravista do Vale do Paraíba Fluminense, 1860-1888. Niterói: Clube de Literatura Cromos, 1993. p. 83.

7. MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, INDÚSTRIA E COMMERCIO: DIRECTORIA GERAL DE ESTATÍSTICA. **Relação dos Proprietários dos Estabelecimentos Ruraes Recenseados no Estado do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Typ. Da Estatística, 1922. p. 315

8. PREFEITURA MUNICIAPL DE SANTA THEREZA – ESTADO DO RIO DE JANEIRO. **Relatório Apresentado pelo Prefeito João de Lacerda Paiva ao Exmo. Sr. Comandante Ary Parreira, digno Interventor Federal no Estado do Rio**. Valença: . Gf. Minerva, Julho de 1934. p. 5-6

